



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 11, pp. 52055-52063, November, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23372.11.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## MANIFESTAÇÕES DE LUTO NO CIBERESPAÇO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

**Cedric Tempel Nakasu<sup>\*1</sup>, Francyhélia Benedita Mendes Sousa<sup>2</sup>, Josiane C. Bocchi<sup>3</sup>, Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues<sup>4</sup>, Ana Caroline Amorim Oliveira<sup>5</sup>, Danilo Madeira<sup>6</sup>, Vanessa Leite Da Silva<sup>7</sup>, Jaqueline Santos C. Leite<sup>8</sup>, Ariana Kelly Martins Costa<sup>9</sup>, Concilene Régia N. Campos De Carvalho<sup>10</sup> and Josely de Sousa Sodr e<sup>11</sup>**

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de P s-Gradua o em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, PGCult-UFMA. Graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas, UCPEL; <sup>2</sup>Mestranda do PGCult-UFMA. Licenciada em Filosofia pela UFMA, Bolsista FAPEMA; <sup>3</sup>Professora do Departamento de Psicologia – FC da Universidade Estadual Paulista, UNESP Bauru. Docente do Programa de P s-Gradua o em Educa o Sexual -FCLar. <sup>4</sup>Mestre e Doutora Multim dia em Educa o pela Universidade de Aveiro (Portugal; Professora Adjunta II do Departamento de Educa o e Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (São Luís/MA). Pedagoga; <sup>5</sup>Professora do Curso de Ciências Humanas/Sociologia da UFMA. Docente PGCult; <sup>6</sup>Pós-Graduado em Psiquiatria. Psiquiatra titular pela Associa o Brasileira de Psiquiatria. <sup>7</sup>Mestranda do PGCult-UFMA. Graduada em Administra o pela UEMA. <sup>8</sup>Mestranda do PGCult-UFMA. Graduada em Turismo pela UFMA. <sup>9</sup>Mestranda do PGCult-UFMA. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo UNICEUMA. <sup>10</sup> Mestranda do PGCult-UFMA. Graduada em Turismo pela UFMA. <sup>11</sup>Mestranda do PGCult-UFMA. Graduada em Comunica o Social- Radialismo pela UFMA.

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 20<sup>th</sup> August, 2021  
Received in revised form  
03<sup>rd</sup> September, 2021  
Accepted 11<sup>th</sup> October, 2021  
Published online 30<sup>th</sup> November, 2021

#### Key Words:

Luto. Pandemia, COVID-19,  
Ciberespaço.

#### \*Corresponding author:

Cedric Tempel Nakasu

### ABSTRACT

No presente artigo pretendemos discutir as manifesta es de luto que utilizam o mundo virtual como forma de comunica o durante a Pandemia da COVID-19 no qual as medidas sanitárias e de isolamento social para a preven o e enfrentamento foram executadas. Trata-se de uma pesquisa básica, de natureza qualitativa e com fins exploratórios no ambiente virtual, que foi desenvolvida a partir da revisão bibliográfica e abordagem teórico-conceitual, a qual permitiu explorar alguns determinantes do luto no atual contexto de mortalidade em massa e de ruptura dos meios tradicionais de simbolizar a morte, as perdas e o próprio luto. Concluímos que o mundo virtual ou Ciberespaço, já utilizado para expressões individuais, coletivas, políticas e identitárias, torna-se, com o distanciamento social, um espaço significativo para a vivência do luto, de modo que o Ciberespaço emerge como um novo local para ritualiza es interditas no contexto pand mico da sociedade do século XXI.

Copyright   2021, Cedric Tempel Nakasu et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Cedric Tempel Nakasu, Francyh lia Benedita Mendes Sousa, Josiane C. Bocchi, Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues et al. "Manifesta es de luto no ciberespaço em tempos de pandemia da covid-19", *International Journal of Development Research*, 11, (11), 52055-52063.

## INTRODUCTION

A morte, mesmo sob os interditos da sociedade moderna capitalista, tem se tornado um tema atraente para os profissionais de saúde no mundo inteiro (ARI S, 2017). Apesar de, nas Ciências Sociais e Humanas, a morte nunca ter deixado de ser abordada, nas Ciências da Saúde, conforme escreveu Gorer (1955), foi tratada ao longo da primeira metade do século XX como pornografia ou tabu, tonando-se

obscena e proibida. "Hoje   vergonhoso falar da morte como antigamente era vergonhoso falar do sexo e de seus prazeres" (ARI S, 2012, p. 210). Atualmente, encontramos de publica es a centros de aten o e estudos tanatol gicos em diversos lugares, reunindo preocupa es teóricas e práticas em torno do tema. Temos movimentos sociais e políticas públicas voltadas para a questão, quer seja sob a bandeira dos cuidados paliativos ou não, quer seja sob a premissa da humaniza o do processo acerca da morte e do morrer. Por outro lado, muitos elementos que simbolizam a morte e o luto

vêm sendo paulatinamente extintos nas sociedades cristãs capitalistas do terceiro milênio: as vestimentas pretas retiradas de uso, os lamentos são malvistas, o tempo de reclusão do luto foi diminuído e os ritos se tornaram cada vez mais privados e rápidos. Restam poucos desses ritos, nos quais ainda se pode manter a simbologia da perda de uma pessoa amada: visita aos cemitérios, celebrações fúnebres, a busca por psicoterapia e a celebração de datas comemorativas significativas ao morto ou ao enlutado são as mais resistentes nas sociedades cristãs capitalistas e globalizadas do século XXI no mundo Ocidental. Tais ritos, ao mesmo tempo em que oportunizam ao enlutado passar pelo processo de luto sem maiores complicações, a exemplo de transtornos mentais, têm buscado mais o retorno do indivíduo à vida produtiva do que o levar a ressignificar publicamente sua perda. Ao enlutado ficou proibida a manifestação pública de sua dor, pois, a percepção do ponto de vista social é que ao possibilitar esta forma de ressignificação de sua perda, estas estariam, muitas vezes, associadas a doenças mentais, incapacidades ou fraqueza emocional. O silenciamento e o não falar sobre as perdas podem ter consequências e virem acompanhados de falhas na comunicação, enfraquecendo e estreitando laços, podendo causar o isolamento do indivíduo, quando o mesmo está demonstrando uma possível fragilidade psíquica; pode ainda passar uma percepção de indiferença ou hostilidade, quando na verdade está denunciando justamente o contrário, um silêncio velado, um fazer de conta que está tudo bem, evidenciando algo que não se faz compreensível ou suportável (ISMAEL; OLIVEIRA, 2008). No caso da manifestação do luto no ambiente virtual, é necessário analisar as contingências nas quais esse comportamento ocorre, atendo-nos também às consequências que levam a sua instalação e manutenção e, assim, tecer algumas considerações na presente análise para além do momento atual de pandemia. Isso porque o simples fato de apresentarmos certos hábitos em uma fase da vida e em outra não, mostra que eles são adquiridos ou aprendidos. E, por essa condição, os hábitos não são apartados da história de vida de cada ser humano, como espécie e como indivíduo, bem como do ambiente nos quais são aceitos, o que inclui, sobremaneira, a forma como as emoções são exprimidas. Desse modo, as manifestações do luto foram sendo selecionadas no decorrer da história de acordo com o nível cultural, sendo a cultura um fator fundamental neste processo. Para Recuero (2010), o advento da internet trouxe diversas mudanças para a sociedade, sendo uma das mais significativas, a possibilidade de expressão e sociabilização por meio das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador (CMC). As ferramentas proporcionam que atores sociais possam se construir, interagir e se comunicar com outros atores, deixando na rede mundial de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de redes sociais através desses rastros, possibilitando também, formas de manifestações, entendimento e processamento do luto frente aos interditos sociais. É o que pretendemos discutir no presente artigo.

Em um sentido amplo, postulamos que, ao mesmo tempo em que o luto no ambiente virtual democratiza, legitima e possibilita o acesso aos ritos, cria também estéticas fúnebres, aproximando virtualmente os enlutados; a experiência virtual do luto pode permitir também que o contato físico se mantenha inexistente, mas possibilitaria que impertinentes apareçam, além de ensejar a exclusão das camadas sociais sem acesso à internet ou que não saibam utilizar as tecnologias de comunicação e informação e, principalmente, pode prolongar sua duração e não dirimindo as dúvidas sobre a sua eficiência para a elaboração do processo de luto. Nesse sentido, no presente artigo visamos discutir as manifestações do luto que utilizam o mundo virtual como forma de comunicação no período em que medidas sanitárias de isolamento e distanciamento social foram adotadas para a prevenção e enfrentamento da pandemia da COVID-19. Trata-se de uma pesquisa básica, de natureza qualitativa e com fins exploratórios no ambiente virtual, que foi desenvolvida a partir da revisão bibliográfica, a qual permitiu explorar alguns determinantes do luto no atual contexto de mortalidade em massa e de ruptura dos meios tradicionais de simbolizar a morte, as perdas e o luto. O levantamento dos dados foi realizado por meio de busca em base de dados digital, principalmente no Google Scholar e SciELO. O método utilizado de coleta dos dados foi o método qualitativo. A análise dos

dados foi realizada por meio de uma interpretação analítica e abordagem teórico-conceitual.

**Luto e Apego:** Diferentes estudiosos da teoria do luto, como Collin Murray Parkes, Elizabeth Kubler-Ross e Maria Helena Pereira Franco, reconhecem que, embora possa levar tempo, os rituais tradicionais, como o funeral, culto/missa/ reunião em benefício da memória do morto, ajudam as pessoas enlutadas a aprender ou aceitar a conviver com as suas perdas. Freud (2014) nos diz que o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de uma pessoa próxima, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Perante as perdas, alguns ritos são vivenciados pelos indivíduos, pelas famílias e sociedades, de modo a facilitar a integração da morte, bem como as transformações dos sobreviventes e que são observáveis ao longo da história da humanidade e nas mais diversas culturas (WALSH; MCGOLDRICK, 1998). Nesse contexto, os ritos podem ter como função uma transmissão de sabedoria de gerações anteriores com a esperança de que esta mesma sabedoria poderá ajudar a geração presente a lidar com problemas semelhantes (SANDERS, 1999). No entanto, a perda, sozinha, não explica todas as reações manifestas frente a esse processo. Sanders (1999, p. 03) coloca que a associação da perda com o medo recorrente do que ela pode produzir sim, poderia ser um diferencial explicativo para as reações presentes no luto:

A dor de uma perda é tão impossivelmente dolorosa, tão semelhante ao pânico, que têm que ser inventadas maneiras para se defender contra a investida emocional do sofrimento. Existe um medo de que se uma pessoa alguma vez se entregar totalmente à dor, ela será devastada – como que por um maremoto enorme – para nunca mais emergir para estados emocionais comuns outra vez. Brown (1989) propõe que a forma de reação à perda é um processo individualizado, mesmo entre integrantes de uma mesma família, mediada pela experiência de cada um com outras dores associadas. Essa autora defende ainda que não só o impacto da morte é normalmente intenso e prolongado, mas também os resultados que advêm dela não são habitualmente reconhecidos pela família como estando relacionados com a perda. O processo do luto, então, pode levar a uma ruptura no equilíbrio familiar, que acontecerá seguindo alguns fatores: a) o contexto social e étnico da morte; b) o histórico de mortes anteriores; c) a altura da morte no ciclo de vida; d) a natureza da morte ou da doença grave; e) a posição e função da pessoa no sistema familiar; e, f) a abertura do sistema familiar.

Nesse sentido, é preciso distinguir o que é luto e o que é o processo de luto. O primeiro deriva da palavra inglesa *grief* e significa aquilo que está sendo apresentado, conforme a definição freudiana, como a experiência pessoal da perda. Já o processo de luto vem da palavra inglesa *mourning*, sendo, então, o que ocorre depois de uma perda. Em outras palavras, luto é a manifestação pessoal e pública da dor, enquanto o processo de luto é tudo aquilo que vai ocorrer após essa perda, como consequência ou enfrentamento. O luto pode também ser compreendido como a adaptação à perda, enquanto o processo de luto é aquilo que oportuniza ao enlutado essa adaptação. Sanders (1999) defende que o processo de luto oferece ao enlutado a oportunidade de se desvencilhar dos laços do apego<sup>1</sup>. Ou seja, em condições normais, o processo de luto elimina os apegos que ameaçam manter as ilusões de amor eterno. Observamos então que a questão do luto passa pelo estudo do impacto de uma perda e do comportamento a ela associado. Worden (2013) postula a tese de que não existe teoria do luto sem uma teoria do apego que lhe dê base, onde o processo de luto ofereceria ao enlutado a oportunidade de se desvencilhar dos laços do apego. Dentre os referenciais teóricos relacionados ao apego, o de John Bowlby (1907-1990), psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico, tem sido uma das mais citadas pelos estudiosos do luto. Ele tomou como base as descrições de Darwin e de Lorenz acerca da

<sup>1</sup> Laços afetivos que são criados pela familiaridade e proximidade com as figuras parentais no início da vida e que surgem da necessidade que se tem de se sentir seguro e protegido, acabando por ser um movimento que permite manter os progenitores e descendentes unidos.

aflição presente nos animais para elaborar a tese que postula o choro infantil como um dos mecanismos adaptativos desenvolvidos para recuperar a figura da vinculação perdida. Como o choro foi normalmente bem-sucedido no reencontro com as figuras próximas, as crianças continuaram a desenvolvê-lo e transmiti-lo como resposta automática e intrínseca a perda. Bowlby (2014), então, atribuiu uma base biológica à resposta da dor advinda pela perda, resposta essa que se encontra em várias culturas e espécies. Dessa forma, podemos considerar que sua teoria é tanto uma herança da psicanálise tradicional, quanto uma revisão daquela abordagem, onde as categorias do pensamento psicanalítico tradicional eram bastante meta-psicológicas e, portanto, careciam de uma interface dialogal com as ciências mais contemporâneas, especialmente a Neurofisiologia e a Psicologia do Desenvolvimento. Nessa perspectiva, Bowlby (2014) manteve em sua teoria do apego categorias psicanalíticas como necessidade de dependência, relações objetais, simbiose e individualização, ao mesmo tempo que inovou com outras oriundas especialmente da psicologia cognitiva. Por outro lado, deixou de usar categorias como pulsão e energia psíquica, consideradas por ele como conceitos abstratos. Em linhas gerais, essa teoria postula o apego como criação de laços ou vínculos entre indivíduos para além da satisfação de certos instintos biológicos, como a alimentação e o sexual. O apego ocorreria mesmo quando não há reforço dessas necessidades biogênicas. São, como escreveu Worden (2013), oriundos da necessidade de segurança e proteção, sendo formados bastante cedo e direcionados a poucas pessoas. A teoria do apego seria então, ainda de acordo com o autor, “[...] um meio de definir a tendência dos seres humanos de estabelecer fortes laços afetivos com outros, e uma forma de compreender a forte reação emocional que ocorre quando esses laços ficam ameaçados ou são rompidos” (WORDEN, 2013, p. 19). Tais laços são essenciais para compreender a origem da dor e do sofrimento advindos da perda de algo ou alguém. Se alguém estabelece laços fortes com outros é porque existe a necessidade de segurança e proteção para a manutenção da sobrevivência. A ruptura desses laços é sempre vista como uma ameaça, não só à vida do indivíduo, mas à da espécie. O processo de luto, portanto, é um processo de luta pela sobrevivência, tanto do indivíduo, quanto da espécie, que nele se recupera e garante sua continuidade.

A teoria do apego trata de uma forma de luto como resposta à percepção da ausência do objeto de confiança, apego ou vínculo: a criança ou o animal pequeno sente-se seguro perto dos pais ou daquele que exerce esse papel. Essa segurança lhe permite explorar os arredores, ampliando o espaço em um movimento de ida-retorno. Cada retorno reforça a confiança e gera mais liberdade. Quando existe o retorno e não há mais a figura de ligação que representa confiança, isso gera uma resposta que Worden (2013, p. 20) classifica como resposta de intensa ansiedade e forte protesto animal: “[...] se o objetivo do comportamento do apego é manter um laço afetivo, situações que colocam em perigo este laço dão origem a determinadas reações muito específicas”. Neste sentido, temos uma relação de proporcionalidade entre o potencial para a perda e a qualidade da resposta: quanto maior for o potencial para a perda, mais intensas e variadas serão essas reações, trazendo alguns determinantes do luto que devem ser considerados na análise do processo de sua elaboração: quem era a pessoa que morreu; qual a natureza da ligação entre o enlutado e a pessoa falecida, o que envolve a força dessa ligação, a segurança da ligação, a ambivalência da relação e os conflitos com a pessoa falecida; qual foi a forma da morte (natural, acidental, suicida, homicida); qual o local geográfico ou geopolítico dessa morte; quais os antecedentes históricos de perdas anteriores ou de saúde mental dos enlutados; quais as variáveis de personalidade (idade, sexo, inibição de sentimentos, ansiedade, capacidade para lidar com situações estressantes, fazer relações); quais as variáveis sociais (religiosidade, aspectos culturais ligados às perdas, grupo social, grupo emocional, rede social de apoio) e quais são os estresses-concorrentes (mudanças e crises concorrentes). Tais determinantes influenciam diretamente na forma como as pessoas vivenciam seus lutos.

Importante pontuar que existe certa discussão em torno da nomenclatura do processo de elaboração do luto. Alguns apresentam esse processo dividido em estágios, outros em fases e outros ainda, em tarefas. No presente estudo, utilizaremos por base conceitual os mecanismos de tarefas do luto, que devem ser realizadas para que seja restabelecido o equilíbrio e para que seja completado o processo de luto. Worden (2013, p. 50-51) destacou os seguintes pontos:

A ideia de estágios é válida para observar a vivência do luto como um processo (*mourning*), mas pode ser interpretada como algo estacionário ou em uma ordem obrigatória. A ideia de fases também é válida pelas mesmas razões, e, por razões análogas, podem ser interpretadas como sobrepostas. A ideia de tarefas tem as mesmas virtudes e riscos das anteriores, no entanto, destaca o caráter ativo do terapeuta, que não deve ficar passivo diante de estágios ou fases, mas tem que agir diante de tarefas, o mesmo valendo para o enlutado frente a seu processo. No caso do processo de elaboração do luto, estas tarefas seriam: aceitar a realidade da perda; elaborar a dor da perda; ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu; e, reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida. Tarefas essas que serão descritas a seguir.

**Aceitar a realidade da perda** significa que deve prevalecer o princípio de realidade. Quando alguém morre, mesmo se a morte é esperada, há sempre a sensação de que ela não aconteceu (WORDEN, 2013). A possibilidade de entrada em um estado de negação é real, na qual o significado da perda como irreversível não é tido como real. Nesse sentido, o processo de elaboração do luto passa pela consciência de que aquela pessoa está morta, bem como pela vivência com essa realidade, sendo esta pessoal, de acordo com as vivências de cada um.

**Elaborar a dor da perda** significa permitir que a dor se manifeste em um cenário no qual ela possa ser administrada e superada, no tempo de cada indivíduo. Esta dor a ser elaborada é da natureza da chamada dor total, pois envolve as dimensões física, psíquica e comportamental do indivíduo (WORDEN, 2013). O binômio das necessidades nessa tarefa seria o de reconhecer e elaborar. Em virtude disso, negar a dor, impedir que ela se manifeste ou querer que o enlutado saia rapidamente desse processo são algumas formas de negação e silenciamento do processo.

**Ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu** é uma tarefa que exige do enlutado a capacidade de remodelagem do seu comportamento para adaptar-se a um ambiente diferente, a novos papéis e a uma nova concepção de mundo. Worden (2013) afirma que a principal dificuldade para essa readaptação é o fato de que o enlutado demora a perceber que os papéis antes assumidos (pai, filho, provedor, amigo, chefe, dentre tantos outros) foram perdidos junto com o falecido, bem como novos papéis precisam ser assumidos, levando a uma redefinição enquanto sujeito e de mundo: quem ele é agora? O que fará? Vale a pena manter as mesmas crenças? Os mesmos valores? As mesmas atividades?

**Reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida**, tem como fundamento o conceito freudiano de que o luto tem uma tarefa física precisa a cumprir: sua função seria a de deslocar os desejos e lembranças da pessoa que sobreviveu da pessoa que faleceu, não se tratando, no entanto de esquecer as lembranças de uma relação significativa, mas de extinguir a necessidade de reativar a representação do falecido com intensidade exagerada no dia a dia (WORDEN, 2013). Reposicionar significa, portanto, encontrar um lugar para o falecido na vida psicológica do enlutado para que ele possa continuar a vida, em seu novo papel, seja como pai, filho ou amigo. Dentro desta visão e referencial, temos que o resultado dessas tarefas seria o fim do processo de luto, sem, no entanto, que ele seja linear e nem com um ponto de início e fim definidos e delimitados cronologicamente, onde o processo terminaria quando as tarefas do luto são completadas, ou seja, quando a pessoa é capaz de pensar na pessoa que faleceu sem dor, o que não significa a apatia ou a eliminação da tristeza.

Salientamos que para outros autores e teóricos do assunto, o luto não teria um fim, ficando apenas mais brando, aparecendo com menos frequência. Um sentido oculto que acompanhará a vida inteira o indivíduo, oscilando momentos de maior e menor intensidade e que podem sofrer interferência de acordo com a forma pela qual a morte e a perda ocorreram. O processo do luto não reverterá o motivo que originou a dor manifesta no luto, ele não reverterá a perda, mas possibilitará exercitar a capacidade de conviver com essas perdas. Bowlby (2015) postula que o processo do luto é um mecanismo adaptativo universal que se desenrola em cada enlutado de uma maneira altamente peculiar, tendo então que a perda irreparável inexistente, já que os seres humanos são dotados de mecanismos adaptativos que farão com que as respostas à perda, por mais agressivas que sejam, direcionem-se para o restabelecimento de uma nova relação com o objeto perdido.

**COVID-19 e o luto no ambiente virtual:** Em dezembro de 2019, em Wuhan, China, um novo Coronavírus (Sars-Cov-2) foi identificado como causa de um Surto de Doença Respiratória Aguda Grave, a COVID-19<sup>2</sup>. Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o Surto como uma emergência de saúde pública de interesse internacional (ESPII) e, em março de 2020, com a disseminação do vírus em diferentes países, foi declarada situação de Pandemia devido à alta capacidade de transmissão e letalidade da doença em determinadas situações e condições de saúde de seus hospedeiros. Desde então, milhares de mortes vem ocorrendo e obrigando a população mundial a rever e a buscar alternativas para o processo de manifestações, entendimentos e elaborações de suas perdas e lutos. Uma vez que além dos inúmeros interditos apontados anteriormente relacionados aos processos destas manifestações, em virtude da pandemia, os interditos ficaram ainda mais intensos e se tornaram orientações governamentais frente a necessidades de saúde pública. As despedidas aos mortos em muitas cidades do Brasil e do mundo impuseram medidas de restrição por questões sanitárias, trazendo à tona as discussões acerca do processo. Os ritos de despedida também sofrem mudanças, pois, ainda seguindo restrições sanitárias, antes do enterro de um ente querido durante a pandemia, os velórios e funerais de pacientes confirmados ou suspeitos da COVID-19 não são recomendados durante os períodos de isolamento social e quarentena (BRASIL, 2018). A própria perda de um ente querido, ou a morte do indivíduo pela COVID-19, ocorre muitas vezes de maneira distante dos familiares, uma vez que os hospitais não permitem acompanhantes durante a internação devido à alta transmissibilidade e contágio do vírus. Na cidade de São Paulo, por exemplo, durante o período de pico das contaminações pelo novo coronavírus, a prefeitura estabeleceu a duração dos velórios a no máximo uma hora e somente dez pessoas podiam estar no ambiente ao mesmo tempo.

Os ritos de despedida são atos simbólicos que podem ajudar as pessoas a expressar os sentimentos ante uma perda, dar uma certa reorganização no estado emocional caótico, estabelecer uma diretriz simbólica para os eventos da vida e permitir a construção social de significados compartilhados, possibilitando entrar em contato com a perda e o acesso a uma certa consciência sobre o luto. Nesse sentido,

<sup>2</sup> De acordo com a Organização Mundial “A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves. A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar. Uma em cada seis pessoas infectadas por COVID-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar. As pessoas idosas e as que têm outras condições de saúde como pressão alta, problemas cardíacos e do pulmão, diabetes ou câncer, têm maior risco de ficarem gravemente doentes. No entanto, qualquer pessoa pode pegar a COVID-19 e ficar gravemente doente” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - Organização Pan-Americana da Saúde- OPAS. Repositório Institucional para Compartilhamento de informações (IRIS). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 25 de ago. 2021).

no período de pandemia e por que não, para além dele, há muito o que ser transferido para o mundo virtual das experiências antes tidas como cotidianas do enlutamento, suas manifestações, seus interditos e suas possibilidades de elaboração, que vão desde funerais virtuais, atendimentos remotos com profissionais da saúde mental através de plataformas e aplicativos até a construção de memoriais na internet.

O mundo virtual, ou de acordo com a denominação de Lévy (2010), o ciberespaço, como espaço para a manifestação do emocional também é um tema que está no foco das discussões atuais, tanto no âmbito do vivido quanto do pensado. Multiplica-se diariamente o número de sites dedicados a pessoas de todas as idades, nações, credos, classes sociais e preferências ideológicas que buscam na internet um meio para mediar as suas relações, sentirem e expressarem suas emoções. Do mesmo modo, o número de pessoas com objetivos relacionados a elaboração, compreensão e ressignificação de suas perdas cresce a cada dia. A internet, por conta do isolamento social, tornou-se uma ferramenta indispensável a uma expressiva parcela da população mundial para lidar e buscar um pouco de conforto frente a perda de alguém, principalmente, no momento pandêmico, oportunizando desde reuniões virtuais restrita a familiares e amigos ou com a participação de um representante religioso, bem como abertas a comunidade em geral. Publicar homenagens em redes sociais sobre o legado de vida que a pessoa falecida deixou, compartilhando-o, também possibilita aos seus entes a oportunidade de expressar suas condolências e apoio, além de favorecer um espaço “seguro” para as expressões dos sentimentos relacionados a essa perda. Em virtude disso, habilidades da sociedade estão sendo construídas, adaptadas e modificadas de maneira a readequar não somente os hábitos, mas também e principalmente as formas de aprendizagem e interações sociais, solidificando o que Lévy (2010), Lemos (2015) e Primo (2011) chamam de cibercultura. Nesse contexto de relacionamentos e afetividade em tempos de pandemia e isolamento social, Primo (2020, p. 19) destaca que:

Se antes da pandemia Turkle (2011) já diagnosticava o comportamento “*always on*”, com o isolamento social esse padrão atingiu patamares ainda mais altos. Tanto o teletrabalho e o *homeschooling*, quanto o lazer e o contato com amigos e familiares passaram a ocorrer através das telas de dispositivos digitais. Para Sade-Beck (2017), a internet é reconhecida como uma influência social, sendo ela uma nova ferramenta para a expressão das emoções, inclusive as relacionadas ao luto. A Internet possibilita ao usuário uma maior abertura e liberdade, favorecendo ocupar um papel ou local como instrumento do qual a pessoa pode receber algum tipo de suporte emocional por meio de e-mails, grupos de apoio situados em comunidades ou amigos virtuais e mesmo através de plataformas e aplicativos de conversa e videochamadas em tempo real, seja com profissionais especializados, seja com amigos e familiares.

No caso da recente Pandemia da COVID-19, podemos citar como exemplos dessas manifestações, o site Inumeráveis (<https://inumeraveis.com.br/>) dedicado a história das vítimas do coronavírus no Brasil, com descrições e depoimentos sobre as características destas vítimas feito por familiares e amigos em forma de relatos; o site Memorial Vagalumes (<https://memorialvagalumes.com.br/>) em homenagem às vítimas indígenas e o Experiência d'Escuta (<https://www.experienciadeescuta.com.br/>), um grupo de profissionais voluntários, independentes de filiação institucional ou partidária, que se reuniu no início da quarentena para oferecer escuta e acolhimento para a população brasileira; e a página no *Instagram* @reliquiarum, dedicada à mulheres grávidas e puérperas vítimas do novo coronavírus no Brasil. A relação mediada pelo anonimato pode ser um fator diferenciador para que as pessoas se expressem através dos meios virtuais de comunicação, de modo a externalizarem o que nunca diriam pessoalmente. As questões restritivas que a Pandemia por COVID-19 impôs, favoreceu as pessoas a buscar o virtual como forma de expor essas e outras manifestações relacionadas a suas perdas.

Mesmo antes da Pandemia, o mundo virtual já vinha sendo utilizado para manifestações de sentimentos relacionados a perdas, morte e luto, bem como visitas a perfis de falecidos ou enlutados que não são

motivadas pelo acolhimento do luto em si, mas para saciar a curiosidade ou emitir outros comportamentos mais antissociais, como a difamação e utilização desses espaços para a deslegitimação das perdas e do sofrimento alheio, mas que também podem ser entendidos como uma forma de manifestação do luto. Segundo Gurgel, Kovács, Mochele, Nakasu e Portugal (2011, p 4), a categoria luto virtual (*Virtual Grief*) já existe, embora ainda seja bastante escassa ou não diretamente relacionada ao estudo e análise do processo em si e sua efetividade para a elaboração do luto por parte dos indivíduos que a ela recorrem, cito:

Apareceu pela primeira vez, provavelmente, na edição de 02 de agosto de 1999, do *Newsweek*, por ocasião de um artigo escrito por Cose Ellis, chamado *The Trouble With Virtual Grief: The pain that so many people feel for JFK Jr. Should not be confused with the actual suffering of 39novaç and friends*. Nesse texto, Ellis mostra que a internet estava se tornando um espaço privilegiado para que anônimos e pessoas distantes pudessem partilhar de um mesmo processo de luto: o luto pelos vultos pátrios ou vultos heroicos. Esse luto, que não podia ser usado para mensurar o luto real existente, ganhara significado à medida que se tornava mais democrático e trazia de volta as manifestações públicas e coletivas de rituais que vinham sendo interditadas na sociedade. Nesse sentido, o luto virtual, foi, inicialmente, definido como a manifestação coletiva de um sentimento de orfandade de uma nação. Para além da questão do isolamento social pela Pandemia, é importante pontuar que a facilidade de acessar diretamente a página ou o perfil virtual de alguém em diferentes plataformas digitais e redes sociais, pode estar associado à experiência de entrar em contato direto com essa pessoa sem a necessidade de enfrentar trânsito, estacionamento, equivalência de horários, e sem ter que encarar o enlutado fisicamente em sua dor. Por fim, o hábito de as pessoas estarem usando o ciberespaço através das tecnologias de comunicação para resolver e ou expressar a maioria dos seus problemas, inclusive os afetivos, pode ser também um diferencial para a disseminação e adoção do luto no virtual. Conforme já exposto, as comunidades virtuais localizadas no ciberespaço, proporcionam a criação de ambientes virtuais nos quais as pessoas podem estabelecer comunicações, relacionarem-se, buscar conhecimento, interagir com diversas outras pessoas, além de outras atividades, nas quais é possível unir espaços sem uma obrigatoriedade da presença física dos mesmos (BOUSSO, 2014). Primo (2020) aponta que durante a Pandemia de COVID-19, a interação online contribuiu para que algumas dificuldades relacionais, escolares e profissionais fossem minimizadas. As conversações na internet com amigos e familiares, a educação a distância e o teletrabalho certamente não resolveram as limitações impostas pelo isolamento social, mas permitiram que a crise não fosse ainda maior. Com as questões relacionadas as perdas e ao processo de elaboração do luto não parece ser diferente, uma vez que essas facilidades possibilitam o aparecimento e organização de trocas simbólicas e entre estas trocas estão as experiências em torno da morte e do morrer. Portanto, de acordo com a argumentação já realizada, a utilização do ciberespaço para as manifestações do luto, em especial nos tempos atuais de pandemia, pode aproximar virtualmente os enlutados, democratizar e possibilitar o acesso a rituais de despedida, mas pode, também, prolongar sua duração e criar novas estéticas fúnebres, trazendo ainda dúvidas sobre sua eficiência para a elaboração do processo do luto.

**Quando o luto se torna um ato político: @inumeráveis, memorial vagalumes e @reliquia.rum:** Para iniciar este tópico, lançamos as seguintes questões para reflexão: Por quais corpos é permitido chorar? Por quais corpos é permitido dor? Por quais indivíduos é permitido sentir ou expressar o luto?. Diante das problemáticas colocadas acima, destacamos três diferentes páginas para agregar ao debate do luto no ambiente virtual durante a Pandemia de COVID-19 no Brasil, são elas: @inumeráveis; memorial vagalumes e @reliquia.rum.

#### @inumeráveis

*não há quem goste de ser número gente merece existir em prosa*

Inumeráveis é um Memorial, presente tanto como um perfil no *Instagram*<sup>3</sup> como em formato de Site<sup>4</sup>, em homenagem à cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. O projeto é uma obra do artista Edson Pavoni (@edsonpavoni) em colaboração com Rogério Oliveira (@rogerio.f.oliveira), Rogério Zé (@rogerioze), Alana Rizzo (@Alanarizzo), Guilherme Bullejos (@guibullejos), Gabriela Veiga (@gabrielaVeiga), Giovana Madalosso (@madalosso), Rayane Urani, Jonathan Querubina (@john.pyc) e voluntários e os jornalistas que ajudam a construir o Memorial através das histórias registradas. Através de um questionário, familiares e amigos respondem algumas perguntas sobre o ente querido, e assim, as histórias são elaboradas e adicionadas à página virtual. A primeira publicação foi feita no dia vinte e nove de abril de 2021, com a seguinte mensagem: “Não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”. Cada postagem apresenta um texto curto, com letras bem grandes, acompanhadas da identidade da vítima, sua idade e lugar de nascimento em letras miúdas sob um pano de fundo acinzentado com uma arte ao lado, como ilustra a Figura 1.



Fonte: Captura de tela realizado pelos autores (2021)<sup>5</sup>

**Figura 1. Imagem do perfil @inumeráveis no Instagram**

Hoje, dia vinte e nove de outubro de 2021, a página já fez 2.510 publicações e tem 97,6 mil seguidores. O perfil permanece ativo, postando homenagens e ratificando que cada uma das vítimas “não é um número”. Em ao cenário nacional e internacional do COVID-19, o

<sup>3</sup> Link: <https://www.instagram.com/inumeraveismemorial/>

<sup>4</sup> Link: <https://linktr.ee/inumeraveis>

<sup>5</sup> Disponível em:

[https://www.instagram.com/reliquia.rum/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/reliquia.rum/?utm_medium=copy_link). Acesso em 29 out. 2021.

Brasil ocupa o segundo lugar no ranking mundial de óbitos causados pelo novo coronavírus, com 573.658 histórias interrompidas, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (com 626.225 mortes), e ocupa o quinto lugar no ranking internacional entre países com mais mortes por milhão de habitantes, causadas pelo novo Coronavírus (G1 GLOBO, 2020)<sup>6</sup>. Segundo dados oficiais, já são mais de 600 mil vidas ceifadas pela síndrome respiratória aguda e suas complicações. De acordo com a Agência Brasil (2021)<sup>7</sup>, já são mais de 100 milhões de brasileiros com o ciclo vacinal completo contra a Covid-19. Em sua totalidade, foram aplicadas 249,7 milhões de doses na população, distribuídas em primeira e segunda doses, com 149,7 e 100 milhões de doses, respectivamente. Apesar dos números expressivos, em 13 de outubro, data de divulgação da pesquisa pela Agência, o país ainda não havia atingido a marca de 50% da população vacinada, estando com 47% das pessoas com ciclo de vacinação completo.

### Memorial Vagalumes

#### *Para guardar em nós, vivos, parte da memória das Pessoas indígenas que se foram com a Covid-19*

O Memorial Vagalumes se formou como uma rede de voluntários com o objetivo de prestar homenagens às vítimas fatais e solidariedade às famílias indígenas afetadas pelo novo Coronavírus no Brasil e em países vizinhos. A Vagalumes é uma rede de instituições indígenas e pessoas associadas à causa indígena por meio de práticas engajadas, principalmente, nas áreas de antropologia, indigenismo, saúde, jornalismo, história, artes. A página do Memorial na internet está em formato de Site e é composto por um “menu” com opções para ver a página inicial do Memorial além de outras opções para saber mais sobre o Projeto, os Povos, as Instituições e demais colaboradores envolvidos na trajetória de luta em favor dos povos indígenas e da Mãe Terra. Na página inicial do Site (<https://www.memorialvagalumes.com.br/inicio/>) é possível ver as homenagens feitas às pessoas indígenas, vítimas da COVID-19, como é ilustra a Figura 2:



Fonte: Captura de tela realizado pelos autores (2021)<sup>8</sup>

**Figura 2. Imagem do Site Memorial Vagalumes**

<sup>6</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/08/21/em-dois-meses-brasil-vai-da-10a-a-5a-posicao-entre-os-paises-com-mais-mortes-por-milhao-pela-covid-19.ghtml>. Acesso em 02 nov. 2021.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-10/brasil-ultrapassa-100-milhoes-de-pessoas-com-ciclo-vacinal-completo>. Acesso em 02 nov. 2021.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.memorialvagalumes.com.br/inicio/>. Acesso em 29 de out. 2021.

O primeiro registro foi em homenagem a Aldevan Brazão Elias. Indígena da etnia Baniwa do Alto Rio Negro, que tinha 46 anos. Ele nasceu na comunidade Castanheiro, no município de Santa Isabel do Rio Negro (AM) e faleceu com suspeita de Covid-19 no dia dezoito de abril de 2020. Era agente de combate às endemias da Fundação de Vigilância em Saúde (FVS), da Secretaria Estadual de Saúde do Amazonas (Susam), defensor da saúde indígena, colaborador de cientistas e escritor. O último registro da página foi realizado em homenagem à Karapiru Awá-Guajá. De acordo com o registro de Renata Otto, doutoranda em Antropologia pela UnB, e colaboradora da Rede Vagalumes, Karapiru devia ter cerca de 70 anos de idade (nos seus documentos de identidade foi encontrada uma data de nascimento imaginada no ano de 1945). Além de driblar as doenças dos invasores, Karapiru foi um dos Awá-Guajá que escapou das suas armas de fogo, mas que, mesmo vacinado, não conseguiu escapar da COVID-19. Dia dezoito de julho de 2021, foi o possível dia da morte do líder indígena. Karapiru vivia recentemente na Terra Indígena (TI) Caru<sup>9</sup>, situada no noroeste do Maranhão. No mês de junho, os Awá participaram do “Levante Indígena”, cujo objetivo se afirma na luta em defesa de seus direitos territoriais (RENATA OTTO, 2021). Os Povos Awá-Guajá também compartilham da sabedoria tupi-guarani nos seus mitos e em modos de viver. Em uma outra opção do menu do Site, na qual é feita a apresentação do Memorial e da Rede Vagalumes, Denilson Boniwa expõe que (2020):

Em tempos de pandemias, isolamento forçado e quarentena as populações indígenas contam sobre outros momentos na história onde foram quase exterminados neste território. E não bastassem os assassinatos à lâmina ou pólvora que ano passado foram capas de jornais, em 2020 chega uma pandemia. Embora sejam tempos que não gostamos de lembrar, são importantes para pensarmos em como podemos continuar vivos. Trazidas pelo modo de vida não-indígena, algumas dessas doenças acabaram sendo usadas como armas (direta ou indiretamente) por alguns dos heróis brasileiros. Vários destes heróis oficiais pouco fizeram pela liberdade deste território, senão lutaram por seus próprios interesses, leia-se: ouro, prata, cargos, poder. Hoje quero trazer a memória de mártires que morreram por 40nova, bactérias, 40novação, aço ou pólvora, mas lutando verdadeiramente pela 40novação40 deste território, pela independência deste lugar, pela cultura deste pedaço de planeta. Mártires que não estão na memória do povo brasileiro, foram heróis sem almejar seus rostos impressos em livros do Ensino Médio. Mártires que não estão em monumentos de Capitais. Quem lutou pela terra, quem morreu pela terra, quem viveu pela terra. Todo ano dezenas de mártires 40nov por lutarem por um mundo melhor. Todo ano o Brasil faz questão de jogar sua memória para debaixo do tapete. Mas para Nós indígenas a memória daqueles que se foram continua viva em nós, sabemos quem são os verdadeiros heróis da terra e quem são fantasias de fronteiras e territórios inventados.

Desde abril de 2020, o Memorial fez mais de cinquenta homenagens foram feitas a pessoas indígenas mortas pela COVID-19 no Brasil e em Países vizinhos. Cada registro apresenta uma imagem da vítima, seu nome, sua idade e sua etnia. Ao clicar nas fotos há uma opção de abrir uma outra página, que por sua vez, contém mais informações sobre a vida, a identidade e a trajetória de cada uma das pessoas homenageadas.

É necessário pontuar, como foi possível observar na exposição acima, que a manifestação do luto de pessoas indígenas não se dá de modo individual e ou apartado da comunidade e território dos povos originários, como em outras sociedades não indígenas ou não tradicionais. Em geral, pessoas indígenas são sempre ligadas a seu

<sup>9</sup> Segundo Renata Otto (2021), “[Essa] terra participa de um mosaico de áreas protegidas: ao norte, faz fronteira com a TI Awá que, por sua vez, é contígua à TI Alto Turiaçu, ligada à TI Tembê, já no estado do Pará. Ao oeste, a TI Caru ainda é contígua à Reserva Biológica do Gurupi. Essas áreas, situadas nas franjas ocidentais da floresta amazônica, se transformaram nas últimas ilhas verdes do estado do Maranhão, rodeadas que estão de serrarias ilegais”. Disponível em: <https://www.memorialvagalumes.com.br/karapiru70/>. Acesso em 29 de out. 2021.

povo, à sua etnia e a seu território, vivendo segundo suas próprias tradições, seus mitos, suas lutas e seus ritos, de modo que a perda de um indígena, principalmente, de uma liderança implica na perda de parte da tradição e da herança daquele povo já tão mutilado pelas violências sofridas ao longo dos séculos. No período de restrições da Pandemia, com a obrigatoriedade do distanciamento social, inúmeros povos indígenas foram obrigados a lutar mais uma vez pela sobrevivência<sup>10</sup> frente a desmatamentos e queimadas, ameaças de garimpeiros e do próprio vírus, denunciando a falta de políticas de enfrentamento à COVID-19 nas comunidades e terras indígenas, negligência governamental que vem contribuindo com o genocídio, etnocídio e ecodídio indígena.

### @reliquia.rum

**Relicários são memórias, aquilo que guardamos. Aqui são relicários de uma epidemia no Brasil.**

Criado e organizado pela professora e antropóloga Débora Diniz, o perfil do *Instagram* @reliquia.rum tem como objetivo registrar na rede social o falecimento de mulheres grávidas e puérperas vítimas fatais da COVID-19 no Brasil. O projeto contou com a colaboração de Ramon Navarro (@ramondebh), cujo trabalho de designer gráfico é marcante nas imagens postadas no *feed* da página. Por meio da escuta, sensibilidade ao sofrimento humano e dedicação na elaboração das postagens sobre as vítimas, o perfil se tornou um lugar de acolhimento para amigos, familiares e internautas no período pandêmico. A partir de notícias jornalísticas ou relatos de parentes e de amigos das vítimas recebidos via *in box*, a antropóloga documentou centenas de histórias. No entanto, a falta de informações precisas sobre a identidade das vítimas fez com que muitas homenagens não apresentassem o nome das mulheres, somente textos curtos alusivos ao que poderia ser a história de uma mãe, uma filha, uma trabalhadora e/ou uma amiga, como é o caso da primeira postagem realizada pelo projeto. Em vinte e três de março de 2020, ocorreu a primeira postagem *in memoria* da primeira mulher a vir a óbito no Estado do Rio de Janeiro e a última postagem realizada ocorreu em quinze de fevereiro de 2021, com o registro do falecimento de uma mãe, chamada “Viviane”. Cada um dos registros ilustra uma mensagem em homenagem à vítima, algumas com o nome da pessoa e/ou a cidade ou outras informações imaginativas acompanhadas de uma imagem editada e bem elaborada, exibindo um rosto feminino ou um corpo com vestimentas, ou simplesmente a vestimenta em um cenário com cores vivas como uma obra de arte, como é possível ver na Figura 3:

Atualmente, a página conta com mais de trinta e um mil seguidores e, durante o período de menos de um ano, duzentas e cinquenta e sete publicações foram feitas: registros em forma de homenagens a filhas, mães, sogras, noras, mulheres, seres humanos vítimas de uma doença

<sup>10</sup> Nas palavras de Renata Otto (2021), “Os Awá participaram [junto a inúmeros outros povos], no último junho, do “Levante Indígena”, movimento político para defesa de seus direitos que, mesmo na pandemia, teve que ser levado adiante. Os Awá tomaram parte na luta porque seus direitos territoriais, e sua vida, estão francamente ameaçados. Na “ponta”, como dizemos, isto é, nos territórios, os invasores estão se encorajando ainda mais, se sentindo impunes e se tornando ainda mais violentos. No Congresso, já passou pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) e está para ser votado pela plenária, de maioria ruralista, um projeto de Lei, o PL490, na contramão absoluta do que diz a Constituição a respeito dos direitos dos povos originários. Ele prevê desde rever a titularidade de terras já demarcadas, até acabar definitivamente com o usufruto exclusivo dos índios sobre suas terras, permitindo todo tipo de exploração por terceiros. Ou seja, é um pacote de maldades que destrói completamente a figura da Terra Indígena. No Supremo Tribunal Federal estão para julgar um caso que dará jurisprudência para o que chamam de “marco temporal” e que faz restringir a terra indígena àquela ocupada no ano de 1988, como se os índios pudessem desaparecer ou deixar de ser índios depois ou antes de 1988... Os tempos são aqueles ditos pelo ex-ministro do meio ambiente, investigado por crime ambiental: tempos de “passar a boiada” em cima de tudo. Neste cenário, os Awá tomaram parte no Levante. Participaram das reuniões e da manifestação na cidade de Santa Inês que fechou a rodovia, junto com os Guajajara. Dez dias depois, as pessoas passaram a adoecer na TI Caru”. Disponível em: <https://www.memorialvagalumes.com.br/karapiru70/>. Acesso em 29 out. 2021.

que vitimou, a partir de números oficiais, mais de seiscentas mil pessoas no Brasil (2021)<sup>11</sup> e mais de quatro milhões em todo o mundo (G1 GLOBO, 2021)<sup>12</sup>. Em uma publicação do dia trinta de janeiro de 2021, a página traz o alerta de que o Brasil é epicentro de mortes materna por covid no mundo.

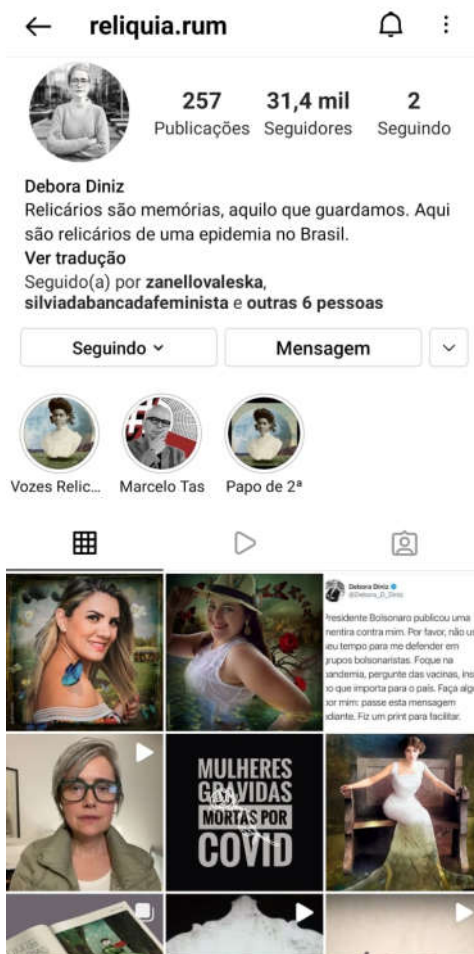


Figura 3. Imagem do perfil @reliquia.rum no *Instagram*

A publicação faz menção à uma importante pesquisadora dessa realidade brasileira. Por meio de seu perfil do *Instagram* @melania44, a cientista feminista Melânia Amorim, publicou os dados alarmantes de uma pesquisa do (@observatorioobr) Observatório Obstétrico Brasileiro COVID-19 (2021)<sup>13</sup> que mapeou a mortalidade materna durante a Pandemia e constatou que não só o número de mortes por covid de mulheres grávidas e puérperas no país aumentou em 216% de 2020, em que foram notificados 459 óbitos de 18 mil casos, para 2021, com o registro de 1455 mortes, como apontou um recorte racial e social importante dessas mortes, cujo índice de mortalidade entre mulheres negras ficou em 17,2% (94 óbitos em 548 casos), em mulheres indígenas ficou em 14,9% (7 mortes de 47 infectadas) e em terceiro vem as mulheres pardas com 13,5% (662 falecimentos de 4917 infectadas). Os projetos de Memorial das vítimas de COVID-19 no Brasil registrados no ambiente virtual, em especial os dois últimos Projetos, são atos políticos porque surgem como denúncias da falta de informações precisas sobre as vítimas, sobre a falta de informações com distinção por raça/cor, por orientação sexual e identidade de gênero, que

<sup>11</sup> Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 25 de out. 2021

<sup>12</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/mortes-por-covid-despencam-mas-brasil-ainda-e-o-pais-com-mais-obitos-do-mundo-em-2021.ghtml>. Acesso em 25 de out. 2021.

<sup>13</sup> O Observatório Obstétrico Brasileiro COVID-19 (OOBr Covid-19) é um painel dinâmico com análises atualizadas dos casos de gestantes e puérperas notificados no SIVEP-Gripe. O OOBr Covid-19 integra o projeto Observatório Obstétrico Brasileiro. Disponível em: [https://observatorioobstetrico.sinyapps.io/covid\\_gesta\\_puerp\\_br/](https://observatorioobstetrico.sinyapps.io/covid_gesta_puerp_br/). Acesso em 25 de out. 2021.

deveriam estar dispostos nos formulários dos sistemas de informação em saúde disponibilizados pelas Secretarias municipais e estaduais de saúde e pelo Ministério da Saúde. Informações imprescindíveis para o diagnóstico especializado e implementação de Políticas Públicas combativas ao Sars-Cov-2 e suas variantes.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para identificar os elementos que interferem no modo como as pessoas utilizam o ciberespaço para a manifestação do luto, é preciso se considerar os processos em vigor na própria cibercultura que favorecem tais manifestações, o modo como a sociedade e sua cultura lidam com as perdas e lutos relacionados diretamente as questões de morte, principalmente seus silenciamentos e também se considerar que o momento de Pandemia e isolamento social, aspectos que contribuem para tal, mas não são novidades, apenas se tornou mais evidente. Da mesma forma, para identificar quais as consequências que exercem controle na instalação e manutenção desse tipo de comportamento, é preciso verificar o conteúdo dessas manifestações e se elas dão informações que podem se mensurar sobre a história de perdas dos usuários. De modo que é plausível questionar se as pessoas que nunca vivenciaram o luto terão maior dificuldade para lidar com esta situação, uma vez que não possuem em seu repertório formas de enfrentamento para o mesmo? Em relação a dimensão de valor do que é perdido, podemos perguntar ainda se a perda de uma pessoa muito estimada será mais difícil a aceitação e o modo de lidar com essa perda? Sobre a quantidade de fontes geradoras de afeto, prazer, segurança e satisfação, questiona-se se o indivíduo que vivencia o luto tem outras fontes de reforçamento que não só a pessoa que perdeu, terá maior probabilidade de lidar com o luto de forma amena? E, principalmente, da falta de apoio social, a necessidade de distanciamento social nos tempos atuais de pandemia e a ausência de uma rede de apoio, dificultaria a elaboração do luto, pois poderia ocorrer da pessoa deixar de manifestar sua dor de forma apropriada, sendo ainda pertinente questionar se essas novas habilidades envolvem ou se desenvolvem no luto virtual. Não houve na presente discussão a pretensão de julgar se o ciberespaço como ambiente para manifestação do luto é adequado ou não, embora possamos constatar a existência dos mais variados sites, blogs, grupos de aplicativos e afins, abordando o luto de forma construtiva ou desrespeitosa e algumas pessoas queiram tirar alguma vantagem, seja econômica, social ou política. A intenção foi considerar que essa cultura é algo relativamente recente e ainda pouco pesquisada e que comportamentos relativos ao luto no ambiente virtual precisam e vão ser modelados e selecionados pelos próprios membros das comunidades virtuais, sendo uma prova disso as discussões que começam a surgir sobre o tema. Estudos podem ser desenvolvidos no intuito de compreender quais as contingências nas quais as manifestações dessa forma de luto ocorrem, para além deste momento de Pandemia, levando em conta as consequências que exercem controle na instalação e manutenção desse tipo de comportamento. Isso tudo faz com que a questão do luto virtual seja não só uma questão terapêutica, mas, igualmente, filosófica, social e política.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillippe. História da morte no ocidente. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.
- ARIÈS, Phillippe. História da morte no ocidente. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BOUSSO, Regina Szyllit; Ramosa, Daniel; FRIZZO, Heloísa Cristina Figueredo; SANTOS, Maiara Rodrigues dos; BOUSSO, Fernando. Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. *Psicologia USP*, volume 25, número 2, 172-179, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/xPYxKvNwrN76gNMVrsmj5Hd/?lang=pt>. Acesso em 01 jul. 2017.
- BOWLBY, John. Formação e rompimento dos laços afetivos. Tradução de Alvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- BOWLBY, John. Perda: Tristeza e Depressão. 3. Vol. Tradução de Valtensir Dultra. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BRASIL. CORONAVÍRUS BRASIL: Painel Coronavírus. Brasília: Ministério da Saúde – Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS), 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 25 de out. 2021.
- BRASIL. RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA-RDC da ANVISA Nº 222, DE 28 DE MARÇO DE 2018 que regulamenta as Boas Práticas de Gerenciamento dos Resíduos de Serviços de Saúde e dá outras providências. Anvisa. Brasília: 2018. DOU nº 61, 29 de março de 2018.
- BROWN, Fredda Herz. The Impact of Death and Serious Illness on the Family Life Cycle. In: CARTER, Elizabeth A; MACGOLDRICK, Monica. (Eds). The Changing Family Life Cycle. Boston: Allyn and Bacon, 2013.
- FRANCISCO, Rossana Pulcineli Vieira, LACERDA, LUCAS Rodrigues, Agatha S. Observatório Obstétrico Brasileiro: Observatório Obstétrico Brasileiro COVID-19. Disponível em: [https://observatorioobstetrico.shinyapps.io/covid\\_gesta\\_puerp\\_br/](https://observatorioobstetrico.shinyapps.io/covid_gesta_puerp_br/). Acesso em 25 out.2021.
- FRANCO, Maria Helena Pereira. Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade. In: FRANCO, Maria Helena Pereira. Estudos avançados sobre o luto. Campinas: Livro Pleno, 2002.
- FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. 14. Vol. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud-ESB. Rio de Janeiro: Imago, 2014.
- FRIZZO, Heloísa Cristina Figueredo; BOUSSO, Regina Szyllit; BORGHI, Camila Amaral; & PEDRO, Wilson José Alves. A expressão de pesar e luto na internet: um estudo de caso mediante o processo de adoecimento e morte de um cônjuge. *Revista Kairós — Gerontologia*, São Paulo, volume 20, número 4, 207-231, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairós/article/view/36628>. Acesso em 30 de ago. 2021.
- GORER, Geoffrey. The Pornography of Death. London: Cresset, 1955.
- GURGEL, Wildoberto; KOVÁCS, Maria; MOCHEL, Elba; NAKASU, Cedric; PORTUGAL, Paula. LUTO VIRTUAL: o processo de elaboração do luto no ciberespaço. *Cadernos de Pesquisa*, São Luis, volume 18, número 1, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/411>. Acesso em 30 ago. 2020.
- ISMAEL, Sílvia Maria Cury; OLIVEIRA, Maria de Fátima Praça. Intervenção psicológica na clínica cirúrgica. In: KNOBEL, Elias; ANDREOLI, Paola B. de Araujo; ERLICHMAN, Manes R. Psicologia e Humanização: assistência aos pacientes graves. São Paulo: Atheneu, 2008.
- LEMO, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. 3ª ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Coleção Trans. São Paulo: Editora 34, 2010.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – Organização Pan-Americana da Saúde- OPAS. Repositório Institucional para Compartilhamento de informações (IRIS). Estados Unidos da América, Washington: Escritório Regional para as Américas da Organização Mundial da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 25 de ago. 2021.
- PRIMO, Alex. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. *Revista Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, SP | v.21 | n. 47 | p. 176-198 | 2020. Disponível em: <https://seer.uscs.edu.br/index>.



- php/revista\_comunicacao\_inovacao/article/view/7283. Acesso em 02 de set. 2021.
- PRIMO, Alex. *Interação Mediada por Computador: Comunicação, Cibercultura, Cognição*. 2ª e. d. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. 2ª e. d. Porto Alegre, RS: Sulina, 2014.
- SADE-BECK, Liav. *Mourning and Memorial culture on the Internet: The Israeli case*. [S. R, s. l, s. v, s. n, p. 01-10, s. a.]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/242768038\\_Mourning\\_and\\_Memorial\\_culture\\_on\\_the\\_Internet\\_The\\_Israeli\\_case](https://www.researchgate.net/publication/242768038_Mourning_and_Memorial_culture_on_the_Internet_The_Israeli_case). Acesso em 04 de set. 2017.
- SANDERS, Catherine. *Grief: The Mourning After Dealing with Adult Bereavement*. 2 e. d. New York: John Wiley & Sons, Inc. 1999.
- WALSH, Froma; MCGOLDRICK, Monica. *Morte na Família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed. 1998.
- WORDEN, James William. *Terapia do Luto: um manual para o profissional de saúde mental*. Tradução de Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt. São Paulo: Roca, 2013.

\*\*\*\*\*